

O Logos Divino e a possibilidade universal.

Tudo quanto existe é possível antes de sua manifestação na realidade. Deste modo, podemos atrelar a cada ente individual uma possibilidade eterna, que independe de qualquer sucesso temporal, pois sendo necessariamente a possibilidade da existência eterna, incriada – pois para ser gerada ou criada precisaria de antemão ser possível –, podemos dizer que também é necessária a existência eterna de uma região que podemos chamar o “conjunto das possibilidades”, a qual já fora chamada por Frithjof Schuon de a “possibilidade universal”.

Contudo, latentes nesta região estão as possibilidades de manifestação e de não-manifestação, de moção e de inércia, isto para cada uma de todas as coisas, de modo que umas possibilidades invalidam as outras, e temos então a impossibilidade universal, e a partir desta região vacilante nada jamais poderia ter existido. Mas, o dado de realidade que todos temos é que as coisas existem, donde devemos presumir a influência de outro fator que não se infere simplesmente a partir da existência de qualquer ente individual. Talvez tenha sido a este fator que se referia Aristóteles quando discorreu a respeito do “motor imóvel”, um agente eterno que moveu o Universo sem precisar mover-se.

Ademais, jazendo na possibilidade universal estava a possibilidade da consciência humana, a qual não se encerra no Universo puramente material, mas tem algum toque nas formas que são essencialmente inteligíveis – como aquelas da matemática, da lógica, e as da própria metafísica, sobre que agora discorreremos. E, se a consciência era possível antes de existir, significa que a própria possibilidade universal é consciente, pois não poderia ela conferir algo que não possuísse. Se tal possibilidade não fosse consciente, não se poderia explicar como uma tal força surge e entende formas eternas, como as relações matemáticas, como faz-se consciente de si, como investiga o princípio do Universo quando da existência da mera potencialidade. Se há em nós tal capacidade que supera a matéria, pois abrange com sua força regiões imateriais da realidade, deve-se supor que força semelhante estava no princípio de todas as coisas, e que ela decidiu sobre a existência de cada uma delas.

Assim a partir da afirmação aristotélica do “motor imóvel” e da consideração da possibilidade da consciência humana, tomada do filósofo Olavo de Carvalho, pode-se afirmar a pessoalidade de nossa fonte, e deste modo alcançamos racionalmente a existência d’Aquele Ser cuja ação todos no fundo esperam, a existência de Deus. Mas, quanto ao conhecimento pessoal deste Ser por cada ser humano, por ser Ele na realidade infinito e eterno, e relacionar-se com seres finitos como nós, as Suas manifestações podem ter um caráter indicativo da grandeza que Ele é, e podem não expressar a totalidade de Seu Ser. E, por isso, enfim, as religiões de nosso mundo exigem de todos os seus sequazes fé, pois, tendo nós outros apenas indícios da infinitude, temos de crer naquilo que não vemos a partir dos sinais que temos; temos de ir do finito ao Infinito, e tal ato, por causa da deficiência de nossa inteligência, só se pode dar através da vontade, através de um ato de fé. E a fé é no Logos Divino, a quem os católicos chamam e adoram como Jesus Cristo.